

0 povo sudanês quer acabar com 30 anos de regime

“Hurriya, hurriya!”, centenas de mulheres sudanesas cantam numa manifestação. Muitos deles usam o roupão branco das estudantes. Hurriya significa liberdade em árabe, e o protesto que essas mulheres estão liderando é um dos muitos que, desde 19 de dezembro passado, têm saído às ruas em várias cidades do Sudão. O país africano assiste a dezenas de mobilizações, um clima de rebelião que pode ameaçar a continuidade do regime.

As primeiras manifestações foram espontâneas. Uma resposta do cansaço quando o pão triplicou de preço. Este aumento significa para muitas famílias não poderem se alimentar, situação que culmina em uma fase de empobrecimento marcada pela inflação – o governo reconhece uma inflação de 70% no último ano, mas outros especialistas apontam para uma porcentagem muito maior -, a escassez de gasolina, que obrigou as pessoas durante meses a dormir em seus carros enquanto faziam fila na frente das bombas, e um parque infantil que deixou os bancos sem dinheiro, impedindo as pessoas de cobrar seus salários. Toda esta lista de reivindicações pôde ser ouvida nas manifestações, o que no final se traduziu em uma demanda: “o povo quer acabar com o regime”.

Em julho de 2018, o FMI visitou o país. Uma vez que o Sudão continua na lista de Estados que apoiam o terrorismo, não pode receber empréstimos da instituição. Mas o conselho está disponível. A assistência técnica do fundo resultou no fim dos subsídios, na incapacidade da população de satisfazer as suas necessidades básicas e, em resposta: revolta.

“Falta de pão, inflação, fim dos subsídios, corralito. A lista de queixas pode ser ouvida nas manifestações”.

Omar Al Bashir, que tomou o poder em 30 de Junho de 1989 com o

apoio do exército, tornou-se um dos ditadores mais antigos da região. À frente do Partido do Congresso Nacional, sob seu governo islâmico, a guerra contra o sul do país se intensificou. Duas décadas de conflito culminaram na secessão do Sul após um referendo em 2011. Enquanto o Sul do Sudão viveu numa situação de guerra civil desde a sua criação, o Norte, privado do que se tinha tornado a sua principal fonte de riqueza, o petróleo – 75% das reservas pertenciam à parte sul do país – caiu num desastre econômico.

Hoje, nós, o povo sudanês, atravessamos o ponto de não retorno no caminho da mudança”, leu um comunicado da coalizão de associações profissionais que convocou a marcha na terça-feira, dia 25, “Tomaremos todas as opções de ações pacíficas e populares até acabar com o regime que continua a derramar sangue”. Hoje, mais do que nunca, temos confiança em nossa capacidade coletiva de fazê-lo”, anunciaram. Como informou a Anistia Internacional na terça-feira, o número de mortos da repressão já chegava a 37.

Pelas redes sociais estão circulando imagens de manifestações, também aquelas que comprovam a repressão do regime que respondeu aos protestos com munição viva e gás lacrimogêneo. Um vídeo mostra uma longa fila de quatro por quatro carregados de soldados em uma das principais artérias da capital. Enquanto isso, o governo tem limitado a Internet, censurado as redes sociais e expulsado vários jornalistas da mídia árabe. 14 membros da oposição foram presos.

Uma tradição de protesto que vive

Os primeiros protestos aconteceram na cidade de Atbara, uma cidade de pouco mais de 100 mil habitantes no noroeste do país. Atbara, considerada a capital ferroviária durante os tempos coloniais, tem uma importante tradição sindical e anti-colonial. A partir daí, os protestos espalharam-se por várias cidades, incluindo a capital. Já no final de 2017 o descontentamento resultante da inflação se traduziu em

mobilizações.

Em 2011, com a primavera árabe, iniciou-se no país um ciclo de protestos que culminaria com as revoltas de outono de 2013 contra o aumento da gasolina. Essas mobilizações resultaram em mais de 200 mortes. As medidas de austeridade aprovadas por Al Bashir nesses dois anos alimentaram intermitentemente as mobilizações. Por outro lado, em 2009 e 2010, o Tribunal Penal Internacional emitiu dois mandados de detenção contra o Presidente sudanês, acusando-o de genocídio, crimes de guerra e crimes contra a humanidade, principalmente pelo seu papel no Darfur.

“Esta é uma segunda onda, mais intensa do que a de setembro de 2013. O governo conseguiu sobreviver nessa altura. Mas desta vez, os manifestantes parecem mais determinados, e superaram o massacre que sofreram da última vez”, disse o analista sudanês Mohamed Osman à Al Jazeera na última segunda-feira. Um dos sinais mais claros da atual vulnerabilidade do regime, segundo este especialista, tem sido a participação de alguns militares nas manifestações.

Até agora, o principal apoio de Al Bashir tem sido o exército. O seu governo atribui 75% do orçamento nacional à defesa. Se o conflito com o Sul fosse a desculpa para perpetuar um regime militar, enquanto as receitas do petróleo eram contadas, uma certa ficção de prosperidade poderia ser criada. A partir desses anos de crescimento, pouco restou em termos de infraestrutura ou indústria estatal, o dinheiro do petróleo veio enriquecer as elites políticas. Junto com a denúncia da situação econômica, a corrupção do sistema é apontada na rua.

“Em 1964 e 1985, mobilizações civis como as dos últimos dez dias encerraram as ditaduras de Abboud e Numeiry.”

Os manifestantes chegam mesmo a ver os partidos históricos da oposição (a Umma e o Partido Unionista) como parte do sistema corrupto que levou a população à pobreza. É aos partidos de

esquerda e liberais que os porta-vozes do governo apontam estar por detrás dos protestos. Os manifestantes pedem uma pausa e recordam que esta não é a primeira vez que as pessoas, na rua, impõem uma viragem democrática.

Em 1964, um ciclo de protestos terminou com a ditadura de Ibrahim Abboud, que levou a cabo um golpe de Estado em 1958, apenas dois anos após a independência. Em 1985, o regime de Yaafar al-Numeiry terminou quando milhares de pessoas saíram às ruas exigindo democracia. Ambos os fatos históricos emergem nos discursos dos activistas em território sudanês, mas também na diáspora. Durante toda a semana, as manifestações em solidariedade com os protestos no Sudão se estenderam a várias cidades dos Estados Unidos e da Europa.

EUA, Iêmen e a ressaca de outras primaveras

Enquanto 2018 conclui com este panorama de protesto domesticamente, internacionalmente Al Bashir está num momento de calma. Após anos de punição económica, os Estados Unidos levantaram as sanções contra o Estado africano em outubro de 2017, entendendo que o governo fez progressos contra o terrorismo. Este alívio coincide com a participação do Sudão na guerra do Iêmen, integrando a aliança com a Arábia Saudita, os Estados Unidos e os Emirados Árabes contra os Houthi. Onde a superpotência e as monarquias petrolíferas ricas puseram dinheiro e armas, o Sudão colocou tropas. Muitos dos soldados vêm das milícias Janjaweed, famosas pela sua crueldade em Darfur.

Mas desta vez a frente interna pode ser suficiente para desestabilizar o Presidente. Segundo os seus opositores, o fato de Al Bashir não ter estado presente no palácio governamental por ocasião da marcha da passada terça-feira é prova da sua fraqueza. No dia anterior, ele chamou os que estavam por trás da “sabotagem” de “traidores e mercenários” e prometeu novas reformas económicas. As suas palavras foram claramente insuficientes para conter as manifestações.

Confrontados com os precedentes das nascentes árabes, as pessoas perguntam o que poderia vir depois de Al Bashir. Por enquanto, esta incerteza não impede que os protestos continuem. Amanhã, 29 de Dezembro, às 11 horas, a comunidade sudanesa de Madrid convocou uma manifestação diante da embaixada sudanesa para denunciar a violação dos direitos humanos no país e exigir que as manifestações pacíficas sejam respeitadas.

Original: [El Salto](#)